

## A NOVA CRÍTICA ANGLOAMERICANA

### **META**

Apresentar as características fundamentais da nova crítica angloamericana

### **OBJETIVOS**

Ao final desta Aula, o aluno deverá:

reconhecer o pensamento específico do *New Criticism*;

relacionar as aproximações entre essa corrente e as demais correntes immanentistas do século XX, particularmente o estruturalismo;

trabalhar as razões sócio-históricas que levaram ao surgimento do *New Criticism*.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Reveja a Aula 6.

## INTRODUÇÃO

**John Crowe**

**Ranson**

(1888-1974)

Principal difusor do *New Criticism*. Poeta e crítico americano.

**René Wellek**

(1903 – 1995)

Austriaco. Ensinou Filosofia do Direito na Universidade de Viena. Com a II Guerra Mundial foi para os Estados Unidos onde depois ensinou na Universidade de Iowa. Na Yale University ocupou a cadeira de Literatura Comparada. Publicou juntamente com Austin Warren o livro *Teoria da Literatura*, onde expõe as ideias do *New Criticism*. Pelo seu trabalho nos Estados Unidos, é conhecido como um crítico literário americano.

Nesta Aula vamos tratar mais uma vez de uma visão crítica preocupada com o ser da obra, logo, uma visão afastada do culturalismo. Como você está vendo, o século XX está muito voltado para a análise interna da obra. Em 1909, tivemos a publicação do *Tratado de Estilística Francesa de Charles Bally*; ainda em 1909 tivemos a criação do Círculo Lingüístico de Moscou e logo depois, em 1917, a criação da Associação para o Estudo da Linguagem Poética, também em Moscou. Em 1926 tivemos a criação do Círculo Lingüístico de Praga com a visão estruturalista, e em 1931 tivemos a publicação da obra de R. Ingarden, chamando a atenção para a fenomenologia da obra literária. Todos esses estudos, cada um ao seu modo, tratava a obra em sua própria realidade textual. Nesse momento aparece também a corrente a que se deu o nome de *New Criticism* ou A Nova Crítica Angloamericana. É dela que vamos nos ocupar nesta Aula.

—

Na mesma época (1931) em que surgiu o livro de Ingarden na Alemanha, nos Estados Unidos apareceu um pensamento que também rompia com a tradição simbolista e social da interpretação literária. Era o *New Criticism*, que defendia ideias perfeitamente compatíveis com a proposta dos formalistas russos e também com o imanentismo da fenomenologia. Embora surja no início da década de 1930, só vai ganhar impulso a partir de 1939 quando **John Crowe Ranson**, seu principal difusor, e a quem se deve a nomeação *new criticism*, lança a ideia de uma crítica afastada do historicismo, feita não por quaisquer apreciadores da literatura mas por críticos de formação universitária. Acabamos de dizer que este movimento surgiu na década de 1930, mas a rigor tais ideias são anteriores a essa data. O inglês **I. A. Richards**, com o livro *Princípios da crítica literária*, publicado em 1924, é apontado como seu precursor (antes, ele já havia publicado, juntamente com **Charles Kay Ogden**, o livro *O significado do significado* (1923) no qual trabalhou a linguagem semioticamente). Outros nomes muito importantes dessa visão crítica, foram **E. M. Forster** (inglês), que publicou *Aspectos do romance* em 1927; **Edwin Muir** (escocês) com *A estrutura do romance*, de 1928; **René Wellek** (austriaco) e **Austin Warren** (americano) com *Teoria da literatura*, de 1948; e **Cleanth Brooks** (americano) e **William Wimsat Jr.** (americano) com *Crítica da literatura: breve história*, de 1957.

Como estamos vendo, diferentemente da teoria fenomenológica, a nova crítica angloamericana – assim chamada porque tinha professores ingleses e americanos envolvidos na mesma linha de pensamento – foi o resultado das ideias de vários teóricos. Ela não apresenta uma sistematização de suas

propostas. O que está definido e claro é que tudo gira em torno da preocupação com o ser da obra, por isso se espera uma análise objetiva já que o poema também é tomado objetivamente, ou seja, é analisado em seus componentes. Para os Novos Críticos, o fundamental é analisar o fenômeno literário a partir do que ele é, e não a partir de meras impressões subjetivas que provoca no leitor, embora este esteja implicado na leitura e não possa ser dispensado. Aqui, você pode perguntar: “Mas a obra não é o resultado de um conjunto de fatores psicossociais?” É verdade, a sua pergunta tem procedência. Este é o grande problema que enfrentam as correntes imanentistas do texto literário ao defenderem a condição ontológica da literatura. Gonçalves e Bellodi (2005, p. 123) afirmam que:

o New Criticism é como que um Formalismo radical. Sua atitude é separar o poema tanto do autor como do leitor, nisto se distanciando tanto da Crítica Genética como da Estética da Recepção, que viriam logo ao centro dos estudos literários. Existe no New Criticism uma ‘materialização’ do poema, no sentido de transformá-lo em matéria, em objeto.

#### Close reading

**Na crítica literária é uma interpretação da obra voltada para os dados particulares, os elementos específicos do texto. Nela, o particular importa mais que o geral. A obra é tomada como um conjunto de elementos que podem ser separados, analisados e articulados no todo. É assim que a obra é tomada como um objeto em si mesma. Essa metodologia de interpretação tornou-se uma maneira fundamental na crítica literária moderna do New Criticism.**

Mas também não se deve pensar que o *New Criticism* pretende afastar toda e qualquer interferência da psicologia do leitor. A teoria freudiana também permeia a nova crítica através de Ranson e mesmo de Richards. Richards, em seu livro *Princípios de Crítica Literária*, traz a presença da subjetividade do leitor para a objetividade do poema ao dizer que:

Uma frase pode ser usada devido à referência, verdadeira ou falsa, que provoca. Este é o uso científico da linguagem. Mas também pode ser utilizada por causa dos efeitos provocados na emoção e na atitude... Este é o uso emotivo da linguagem. (WIMSATT, 1971, p. 729)

O caráter emotivo apontado por Richards para a literatura tem a ver com uma das suas noções de belo: “É belo – tudo aquilo que provoca Prazer” (Id. *ibid.*) e a presença dessa emoção na leitura é uma forma de incluir o leitor no ato crítico, embora essa presença esteja condicionada pela estrutura

#### Austin Warren

(1877 – 1962)  
Crítico literário americano. Em 1926 começou a ensinar na Universidade de Boston. Em 1930 foi para Londres. Depois retornou para os Estados Unidos. Em 1939 ensinou crítica literária na Universidade de Iowa e na Universidade de Michigan.

#### Edwin Muir

(1883 – 1959)  
Nascido na Escócia, porém se destacou como grande poeta inglês. Foi um pesquisador da literatura, tendo traduzido Kafka para o inglês. Seu reconhecimento como poeta veio depois de um prefácio escrito por T. S. Eliot em que este elogiava a qualidade de sua poesia. Escreveu algumas obras sobre literatura, destacando-se *A estrutura do romance* (1928).

### Edward Morgan Forster

(1879 – 1970)

Crítico literário britânico e escritor. Formou-se em Cambridge, mas viveu na Itália e na Índia. Um dos seus romances intitula-se *A Passagem para a Índia*. Sua preocupação com o romance se voltava para as categorias estéticas, por isso não levava em conta as diferenças históricas ou ideológicas de obras de épocas diferentes.

### Cleanth Brooks

(1906 – 1994)

Crítico literário americano. É muito conhecido por suas contribuições ao New Criticism, sendo mesmo um dos seus nomes principais. Defendia a *close reading*, pois achava que dela é que poderia surgir uma análise literária realmente fundamentada na obra como fenômeno estético.

do texto. Por falar em estrutura, as ideias de estrutura e de singularidade tão caras aos formalistas e aos estruturalistas também são bem aceitas e até insistentes nos trabalhos desses críticos, ou seja, para eles, a estrutura de cada obra deve estar bem presente no olhar do crítico. É o mesmo Ranson (in WIMSATT, p. 747), refletindo sobre o que pretendia a poesia, traz os conceitos de estranhamento e de estrutura, ao afirmar: “é difícil dizer-se o que é que a poesia pretende através de sua estranha estrutura”.

Como a fenomenologia e o formalismo, a neocrítica é anti-historicista, faz uma leitura da obra independentemente do contexto em que surgiu. Os críticos não devem se voltar para a pessoa do poeta ou suas circunstâncias, mas para a poesia, para o texto poético. Passava-se por uma época de arrefecimento dos valores metafísicos. A ciência e a suposta neutralidade positivista tinham ocupado o lugar da religião. Vivia-se então um esvaziamento do espírito, e a poesia passou a assumir um lugar de refúgio para muitos onde se ia buscar um certo conforto na transcendência. Por isso o New Criticism está muito voltado para a poesia. O poema então é tomado como algo em si. É “objetificado” e assim deve ser considerado quanto à sua organização e quanto à construção do seu sentido. É o chamado “close reading”, a leitura que parte dos elementos constituintes do poema e chega ao próprio poema, no sentido que lhe foi atribuído pelo crítico. É a concepção do fenômeno literário como uma realidade sempre sincrônica em relação ao ato de leitura. O ser da obra então é tratado como imutável. O que muda são as condições de leitura. Assim, o crítico, voltando-se para o ser da obra, e não para as condições externas de sua produção, dispensa a História.

De qualquer modo não devemos esquecer que existe uma realidade além da obra, embora essa realidade não esteja sendo considerada na perspectiva da crítica imanentista. Então, fazemos uma distinção entre o trabalho do crítico literário e o trabalho do historiador. Ao crítico interessa a natureza e a função da obra. Ao historiador interessam as fontes de informação dos acontecimentos, as influências sociais, políticas, religiosas, econômicas etc. Tudo com o objetivo de precisar a explicação do fato histórico. O historiador tem compromisso com a realidade dos fatos. Mesmo sabendo-se que o relato histórico tem muito a ver com o modo de interpretação dos acontecimentos, não se pode desconhecer ou diminuir a importância desse compromisso. A história é o movimento do Homem no processo de significar as coisas, os fatos, as atitudes, enfim cada realidade do mundo; a arte é o processo de transcender esses fatos e conferir a eles um estatuto particular, um lugar próprio, simbolizado e simbolizante no seio da comunidade.

Em síntese, todas as propostas de estudo da literatura que procuram compreender a obra pelo que ela contém em sua interioridade são chamadas imanentistas, visam a uma compreensão ontológica, autônoma da literatura. Em outras palavras, querem atingir o ser da literatura para poder

colocá-lo num lugar de autonomia em relação a tudo o que não é literatura. Esse empenho em posicionar a obra literária com um valor próprio tem a vantagem de conduzir os pesquisadores a um objeto de estudo definido e com isso se pode criar uma teoria que responda adequadamente às exigências de compreensão da obra literária como um fenômeno da linguagem e como um objeto estético. Entretanto, essa visão de autonomia do texto literário e de autossuficiência da palavra no campo poético não é tão nova como parece. Como bem lembra Maurice-Jean Lefebvre, Paul Valéry, que viveu de 1871 a 1945, já afirmou: “As obras belas são filhas de sua forma” e Mallarmé, que viveu toda a sua vida no século XIX, também já tinha declarado: “Não é com idéias que se fazem versos, é com palavras”. Nessa concepção de literatura, o que está em jogo nunca é o assunto de que se trata, mas a maneira como se trata o assunto, porque no texto literário tudo é trabalho particular de linguagem. Seguindo a mesma linha de pensamento, encontramos a palavra de grandes poetas. Drummond no poema *Procura da poesia* diz:

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.

e Gilbert Mendonça Teles, no poema *Poética* canta liricamente:

Resolvo o meu poema  
sob o silêncio neutro  
das palavras perdidas  
na paisagem dos signos.

Esses textos, poeticamente, remetem a poesia para o próprio poema. Aos novos críticos cabe fazer esse mesmo movimento: partir do texto e chegar ao texto.

## CONCLUSÃO

Em termos de cenário crítico da literatura, a Nova Crítica não trouxe grandes novidades. Dentro de concepções semelhantes já estavam o formalismo russo e a fenomenologia. O que ainda não havia sido defendido era o fato de a prática crítica dever ser uma atividade para leitores experientes – os acadêmicos – aqueles que tinham uma cultura especializada. Dessa visão participavam vários estudiosos, cada um apresentando sua versão sobre o ser da literatura e sobre o ponto de vista em que ela deveria ser tomada. Não houve, portanto, um método sistemático que orientasse esses estudos, como ocorreu com a fenomenologia, mas apenas uma concepção teórica que conferia à obra um valor próprio, independentemente de quaisquer fatores externos à literatura. E, a partir dessa concepção, entrar na obra e analisá-la.

### William Wimsatt

(1907 – 1975)

Professor e crítico literário americano. Também um dos nomes mais importantes do New Criticism. Dá muita atenção ao papel do leitor na obra, vindo nesta um lugar de produção de sentido.

### RESUMO



- O *New Criticism* voltou-se para a literatura enquanto uma organização linguística, por isso suas ideias eram compatíveis com as teses do formalismo russo no que respeita à natureza da literatura.
- O *New Criticism* não teve um corpo formal de doutrina organizando um método a ser aplicado.
- O *New Criticism* procurou afastar a interpretação da obra de toda visão simbolista ou historicista da literatura.
- Para os novos críticos angloamericanos, o ser da obra está estabelecido. O que muda são as condições de leitura, por isso o novo crítico dispensa a História.
- O *New Criticism* angloamericano é um conjunto de ideias que procuram encontrar o essencial da obra literária, aquilo que lhe é específico. Mas essas ideias não tiveram uma organização sistemática, por isso não constituem um método crítico como ocorre com a fenomenologia ingardiana. A Nova Crítica resulta das ideias de vários estudiosos.

### ATIVIDADES



1. Por que o *New Criticism* é também chamado de crítica angloamericana?
2. Qual o papel de Ransom para o *New Criticism*?
3. Considerando a proposta da teoria, que diferença você pode citar entre a fenomenologia de Ingarden e a nova crítica angloamericana?
4. Que aproximações você destaca entre o *New Criticism* e o Formalismo Russo? Explique-as.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para realizar essas Atividades é importante que você reveja a Aula 5 sobre “A literatura como um valor autônomo”, mas também procure reler a aula a respeito do pensamento de Aristóteles, no livro de Teoria da Literatura I. Refletir acerca desses assuntos vai ajudar na compreensão dessa linha de pensamento de que agora nos ocupamos.

### PRÓXIMA AULA



Vamos estudar a crítica sociológica e lá algumas diferenças serão notadas em relação à crítica que acabamos de ver.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**: 10 livros de poesia. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GONÇALVES, Magaly Trindade e BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura “revisitada”**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TELES, Gilberto Mendonça. **Falavra**: antologia poética. Lisboa: Dinalivro, 1989.

WIMSATT, William K. e BROOKS, Cleanth. **Crítica literária**. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1979.